UICN | Comité Francés

O FUTURO DA VIDA

Nossos valores para a ação

O FUTURO DA VIDA

Nossos valores para a ação

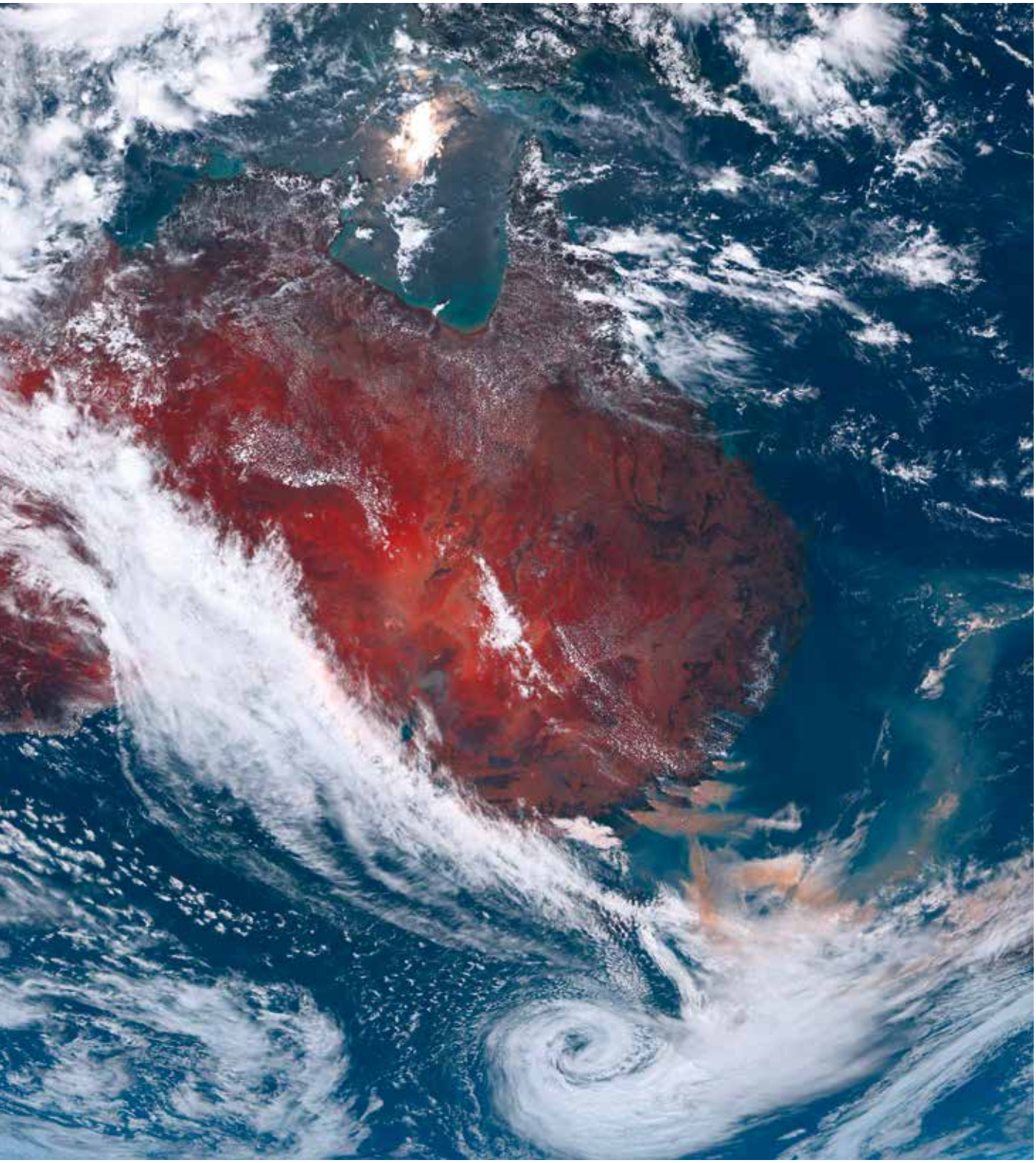
Este documento foi preparado por um grupo de trabalho liderado por Patrick Blandin e Damien Marage, no qual participaram Michel Barnaud, Gilles Benest, Séverine Carrez, Bernard Cressens, Frédéric Ducarme, Christiane Garnero Morena, Frédéric Gosselin, Barbara Livoreil, Jean-Pierre Rogel e Laurent Simon.

Traduzido do francês por Karla Matos, Center for Environmental Ethics and Law (membro da UICN), EUA.

Obrigado

O Comité Francês da UICN agradece calorosamente ao Centre National d'Études Spatiales por lhe permitir utilizar imagens de satélite do banco Géoimages (www.geoimage.cnes.fr), imagens escolhidas para evocar a beleza da Biosfera, mas também a sua fragilidade. Seus agradecimentos também a Patrick Blandin, Frédéric Ducarme e Damien Marage, graças aos quais algumas espécies surpreendentes simbolizam hoje a diversidade do mundo vivo.

Foto de capa: © Frédéric Ducarme
ISBN: 978-2-918105-93-0
Depósito legal: Julho 2021



Austrália | 2020 Copyright © NICT ScienceCloud, tous droits réservés.

Prefácio

Para promover a conservação da natureza, renovamos regularmente as nossas abordagens sobre o mundo em constante mudança, onde novas questões surgem ou tornam-se mais significativas e onde surgem novas possibilidades de ação. Nossos conceitos são constantemente revisitados e nossas práticas aprimoradas, sempre com base nos mais recentes documentos científicos. A UICN desempenha um papel importante nesta área, por meio da sua rede global, para compartilhar experiências e discutir soluções que protejam, gerenciem de forma sustentável ou restaurem a natureza.

Da mesma forma, devemos sempre revisitar a nossa abordagem ética para a conservação da natureza. Frequentemente, presos no imediatismo da ação para responder às emergências da degradação da natureza, não nos damos o devido tempo para redefinir os valores e a visão que temos. Nem para reafirmá-los. Isso porque esta crise de extinção de espécies da biodiversidade que vive o nosso planeta é, antes de tudo, uma crise da relação da humanidade com os seres vivos, da qual, no entanto, é intimamente parte e pela qual é responsável.

Então, quais são os nossos valores e visão e como podem ser um guia para a ação? Este é o exercício praticado pelo grupo “ética em ação” liderado por Patrick Blandin e Damien Marage, a quem agradeço calorosamente. Ao final de seus trabalhos, um texto foi proposto e aprovado pelo Conselho de Administração do Comité Francês da UICN, que reúne todos os seus membros.

Este grupo baseou-se no trabalho realizado pela UICN desde sua criação em 1948 em Fontainebleau e na proposta do Comité Francês da UICN, aprovada pelo Congresso Mundial de Conservação em 2004, para justamente relançar o trabalho sobre a visão ética da UICN. Em 2010, este trabalho transformou-se na Iniciativa de Ética da Biosfera. Entretanto, desde então, a crise intensificou-se e tornou-se mais urgente do que nunca demandar mudanças profundas. Devemos realmente pensar de forma diferente sobre as nossas formas de interagir com o mundo vivo e, portanto, nossas formas de habitar a Terra.

Por ocasião do Congresso Mundial de Conservação da UICN, que será realizado na França em 2021, gostaríamos de destacar, além de nossas recomendações sobre várias questões da biodiversidade global, a visão da ética construída pelo Comité Francês, e compartilhá-la com outros membros da UICN em todo o mundo. Convido você a conhecer o nosso manifesto “O futuro dos seres vivos - nossos valores para a ação” e a inspirar-se nele para as suas estratégias e atividades.

Maud Lelièvre
Presidente do Comité Francês da UICN

© Istock

A natureza, em seus três reinos, tem sido ameaçada em todos os lugares pelo progresso da indústria. A atividade humana está alcançando regiões antes inacessíveis para os seus negócios; o seu capricho ou o seu utilitarismo imprudente colocam em risco a existência de um grande número de espécies animais e vegetais. [...] Todos os amigos, todos os defensores da Natureza devem se unir para levantar suas vozes, [...] e exercer ações protetoras que salvaguardem o nosso patrimônio natural para o futuro.

Carta convite para o primeiro Congresso Internacional para a Proteção da Natureza, Paris, dezembro de 1922

O esgotamento gradual dos recursos naturais já está levando a humanidade a ter baixa qualidade de vida. Como a renovação dos recursos não consegue acompanhar a sua destruição, chegou a hora de convencer o homem de sua estreita dependência deles. Se quisermos interromper essa forma de desenvolvimento, o homem deve sobretudo compreender a necessidade de proteger e até mesmo regenerar esses recursos; e apenas consumí-los com parcimônia, de modo a garantir a prosperidade do mundo e a sua paz. A proteção da Natureza agora parece de vital importância para todos os povos ...

Preâmbulo da Constituição da União Internacional para a Proteção da Natureza Fontainebleau, França, 5 de outubro de 1948

A União está mais preocupada, eu diria, com a ética do que com a ciência. Pois a ciência deve ser a serva, e não a senhora, da humanidade. A nossa estratégia deve estar firmemente enraizada no pragmatismo, mas devemos seguir em frente com uma visão. Devemos ser os arquitetos de uma mudança (chame-a de desenvolvimento, se preferir) que visa aumentar ... a boa vida.

Duncan Poore, Diretor Geral Interino da UICN, 1976-77

Os objetivos da UICN são influenciar, encorajar e apoiar as sociedades em todo o mundo para conservar a integridade e a diversidade da Natureza e garantir que todo o uso dos recursos naturais seja justo e ambientalmente sustentável.

Estatutos da UICN, alterados em 2016

Europa | PLEIADES © CNES 2013, Distribution Airbus DS, tous droits réservés.

Preâmbulo

A espécie humana, nem mais nem menos do que outras espécies, é resultado do surgimento de sistemas vivos que transformam eles próprios suas condições locais e globais de existência, enquanto constituem uma rede cada vez mais complexa de interdependências dentro do que é comumente chamado de Biosfera. Nós, as espécies vivas de hoje, somos interdependentes e relacionadas, formadas no imenso movimento da evolução, uma trajetória que começou há alguns bilhões de anos.

Só muito tarde na escala de tempo geológica, nossa espécie mostrou-se capaz de modificar a rede ecológica planetária, expandindo-se mas sem jamais desvencilhar-se dela. Alterou muitos sistemas ecológicos, domesticou espécies de plantas e animais, criou novas paisagens e, por sua vez, mudou-as, diversificou-as, biológica e culturalmente.

Cada espécie é "engenheira no sentido de que molda o seu nicho ecológico por meio de suas interações com o ambiente vivo, físico, químico e biológico. Algumas são mais óbvias do que outras. Assim, organizando as condições para o seu crescimento numérico, a espécie humana, ao "construir o seu nicho", rapidamente reduziu os espaços disponíveis para as outras espécies fazendo desaparecer muitas delas e também o contrário, favorecendo a expansão de outras; modificaram a composição da atmosfera, inventando e introduzindo inúmeras moléculas biocidas em circuitos ecológicos, sobrecarregando com seus resíduos todos os ambientes. Também invadiu a si própria, reduzindo a diversidade de suas populações locais, suas línguas, suas culturas[1].

A Terra conheceu muitas "crises" ao longo de sua história, mas nunca teve uma reviravolta tão absoluta, tão rápida, causada por uma única espécie, a tal ponto que alguns não hesitaram em considerá-la período geológico, o Antropoceno.

Enquanto o número de humanos continua a aumentar, a busca por novas riquezas e a corrida pelo lucro para poucos refletem-se no aumento das desigualdades e numa deterioração cada vez mais intensa e extensa dos sistemas ecológicos. O planeta está se tornando cada vez menos habitável para cada vez mais as chamadas espécies selvagens e para mais e mais humanos. Migração forçada, conflitos, redução da diversidade do mundo vivo são consequências já visíveis: violência entre os humanos e violência contra os outros seres vivos são indissociáveis. A evolução, agora fortemente restringida pelas interações dos humanos com os demais componentes da Biosfera, coloca esta última

1. Foi esta constatação que levou a ONU, em 2007, a proclamar os direitos intrínsecos dos povos vítimas de múltiplos preconceitos devido nomeadamente à colonização, os chamados povos "indígenas".

América do Sul | © COPERNICUS SENTINEL 2019, tous droits réservés.

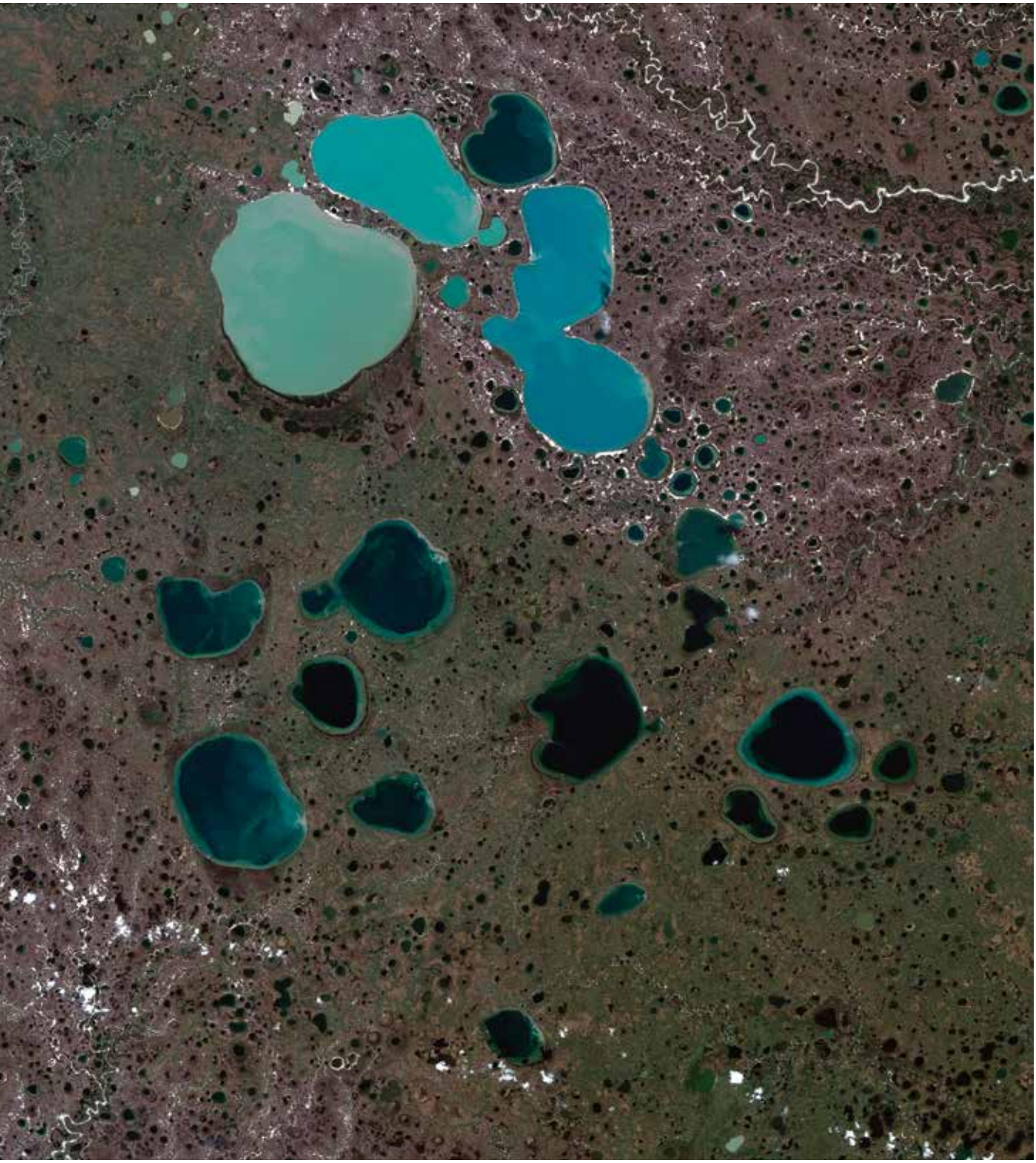
em uma trajetória preocupante, e a humanidade se divide entre os discursos de quem anuncia o fim do mundo e de quem se contenta com a continuidade de seus negócios.

Antecipada já no século XIX, notadamente pelo americano George Perkins Marsh, que previu em 1864 o empobrecimento dos recursos, a degradação do solo e os excessos climáticos, uma crise global hoje coloca toda a humanidade diante de suas responsabilidades. O tempo não pode mais ser para ambiguidades, compromissos medíocres, transições lentas. E os sucessos das políticas de conservação da natureza ainda são insuficientes, como a comunidade internacional observa ritualmente de década em década.

A Terra está em turbulência: isso não é resultado de uma crise de governança, tanto local quanto global? E essa crise de governança não está enraizada em uma crise de valores, uma crise ética? Isso é urgente.

……..

© Frédéric Ducarme



Sibéria | © COPERNICUS SENTINEL 2018, tous droits réservés.

Fundada em 1948 com o apoio da UNESCO, após o terrível conflito da 2ª guerra mundial, a União Internacional para a Conservação da Natureza transmitiu uma mensagem de paz. Foi um marco importante na já longa história da conservação da natureza. Organização internacional que reúne Estados, órgãos públicos, associações internacionais, nacionais e locais e organização que conta permanentemente com milhares de especialistas científicos, a UICN tem, mais do que nunca, neste agonizante início do século XXI, uma imensa responsabilidade moral. Com a sua história, sua expertise em ética, ciência e trabalho jurídico, deve oferecer à comunidade humana uma visão mobilizadora, uma fonte de esperança para o ser humano em busca de referências. Para isso, temos de revisar a nossa filosofia, as nossas políticas, o nosso modo de vida.

Para ser clara sobre os valores que sustentam a sua visão, a UICN não pode mais se contentar em vislumbrar, com slogans de apoio, a organização de um "mundo justo que entenda o valor da natureza e a preserve, ou mesmo postar o objetivo: "Para valorizar e conservar a natureza". O que queremos dizer com "o valor da natureza"? A civilização ocidental não considerava os espaços selvagens como terras "a serem desenvolvidas"? É um estado de espírito que prevalece quando a floresta amazônica se incendeia para dar lugar a pastagens, ou quando as plantações de dendezeiros reduzem o habitat de nossos primos na Indonésia, os orangotangos, a pequenas ilhas? A tendência atual de incorporação da biodiversidade na economia de mercado pode sugerir que todos os ecossistemas e as espécies que eles abrigam sejam "substituíveis", ou seja, cada ecossistema destruído pode ser recomposto em "valores iguais" mais tarde, ou mesmo em algum outro lugar. E o que queremos dizer com "valorizar a natureza"? As plantações massivas de árvores, com o objetivo de aumentar seu papel no sequestro de carbono, podem não constituir verdadeiros ecossistemas florestais e podem não ser adequadas nas áreas onde são realizadas. Essa tendência trouxe a noção de serviços ecossistêmicos à tona. Embora mereça ser enquadrada científica e eticamente, essa noção é interessante por sublinhar a extrema dependência que a economia tem da natureza. No entanto, é necessária extrema vigilância em face às oscilações da financeirização dos seres vivos.

A UICN há muito engaja-se na reflexão ética e na promoção de valores fortes, influenciando, graças aos seus especialistas, textos internacionais como a Carta Mundial da Natureza, adotada pela Organização da Nações Unidas, em 1982. Entretanto, esses valores não devem parecer secundários em relação às práticas econômicas subjacentes, em que podem ser vistas consequências ambientais e sociais desastrosas. É fundamental afirmar a preeminência dos valores profundos da instituição e conceber slogans que os expressem. Mas comunicar no campo da ética é uma arte difícil porque devemos evitar fórmulas inócuas tais quais aquelas que, influenciadas pelo "espírito do tempo", podem sugerir interpretações lamentáveis.

……..

Europa | PLEIADES © CNES 2013, Distribution Airbus DS, tous droits réservés.

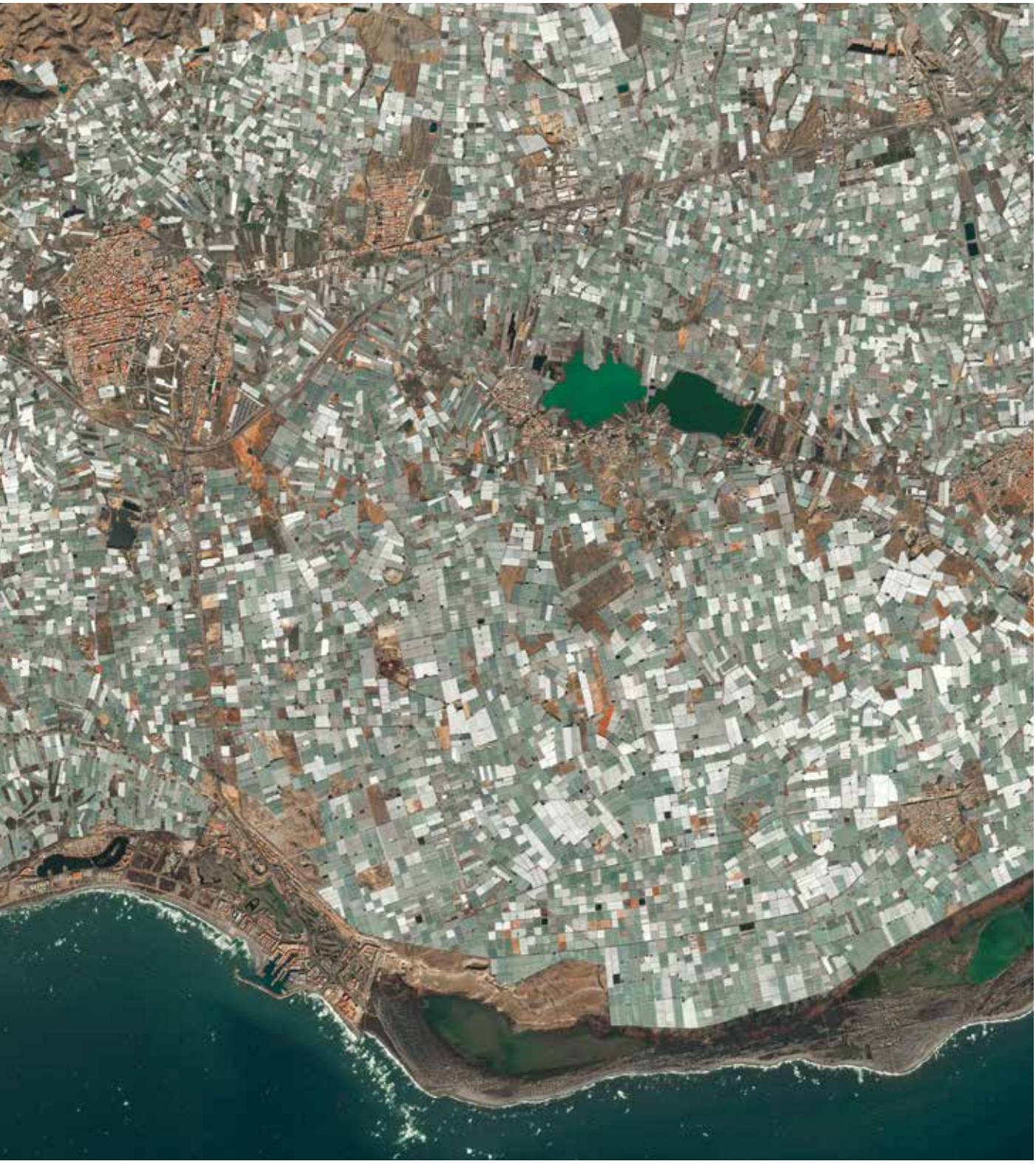
Um mundo justo deve respeitar a diversidade das culturas humanas, das concepções das relações humanas com a natureza. Cada cultura tem a sua própria maneira de "compreender o valor da natureza": a diversidade ética do ser humano é um fato. Existe um grande desafio aqui. Quais valores podem ser compartilhados, quais caminhos podem ser encontrados para superar a crise global e estabelecer uma convivência duradoura do ser humano, em toda a sua diversidade, com os outros seres vivos?

A história da humanidade é marcada pelo confronto de sistemas de valores e interesses antagônicos, pela competição pelo acesso aos recursos, pelas expansões territoriais, provocando violências tanto individuais quanto coletivas. Mas é marcada também, inversamente, pela busca de compromissos inteligentes, por ações incansáveis pela paz, por dinâmicas altruístas, por compromissos de cuidar dos outros.

É preciso haver uma ética comum, por meio da qual os valores e princípios de ação são compartilhados. Uma ética que não só possibilite coibir as violências cometidas por humanos contra os humanos e contra toda a natureza, mas que, além disso, abra a perspectiva de uma convivência melhor. Em 1948, não era essa a esperança dos fundadores da IUCN que, saindo do horror, afirmavam que a proteção da natureza contribuiria para a paz mundial?

A UICN, desde o seu início, confiou no conhecimento científico. Essa é a sua força, que muito contribui para a sua legitimidade. Graças à ciência, muitos sonhos se tornaram realidade em nossa vida diária. Mas também muitas vezes as suas aplicações levam à pergunta "Até onde podemos chegar ao ir longe demais?" E, sobretudo, enquanto a degradação da Biosfera se acelera intensamente, a solução não está na corrida prometeica pelo "progresso" tecnológico. Os problemas que precisam ser resolvidos têm, de facto, suas origens em escolhas éticas e políticas. Para ajudar a superá-los, a UICN deve afirmar-se mais do que nunca como uma instituição social que convida-nos a "mudar a mudança", que concebe uma outra visão de nossa relação com a natureza, que oferece um novo sentido à natureza. Temos que embarcar em um novo caminho. O Comité Francês da UICN quer contribuir para isso, em particular inspirando-se nos textos de referência disponíveis para a UICN para questões de ética: a Carta Mundial da ONU para a Natureza (1982), a Carta da Terra (2000) e a Iniciativa para uma Ética da Biosfera (2010).

> **Há uma necessidade urgente de construir-se uma visão comum dos valores fundamentais que serão a base dos princípios éticos para a comunidade mundial emergente**
>
> *Carta da Terra, 2000*



Europa | PLEIADES © CNES 2013, Distribution Airbus DS, tous droits réservés.

Um mundo desejável

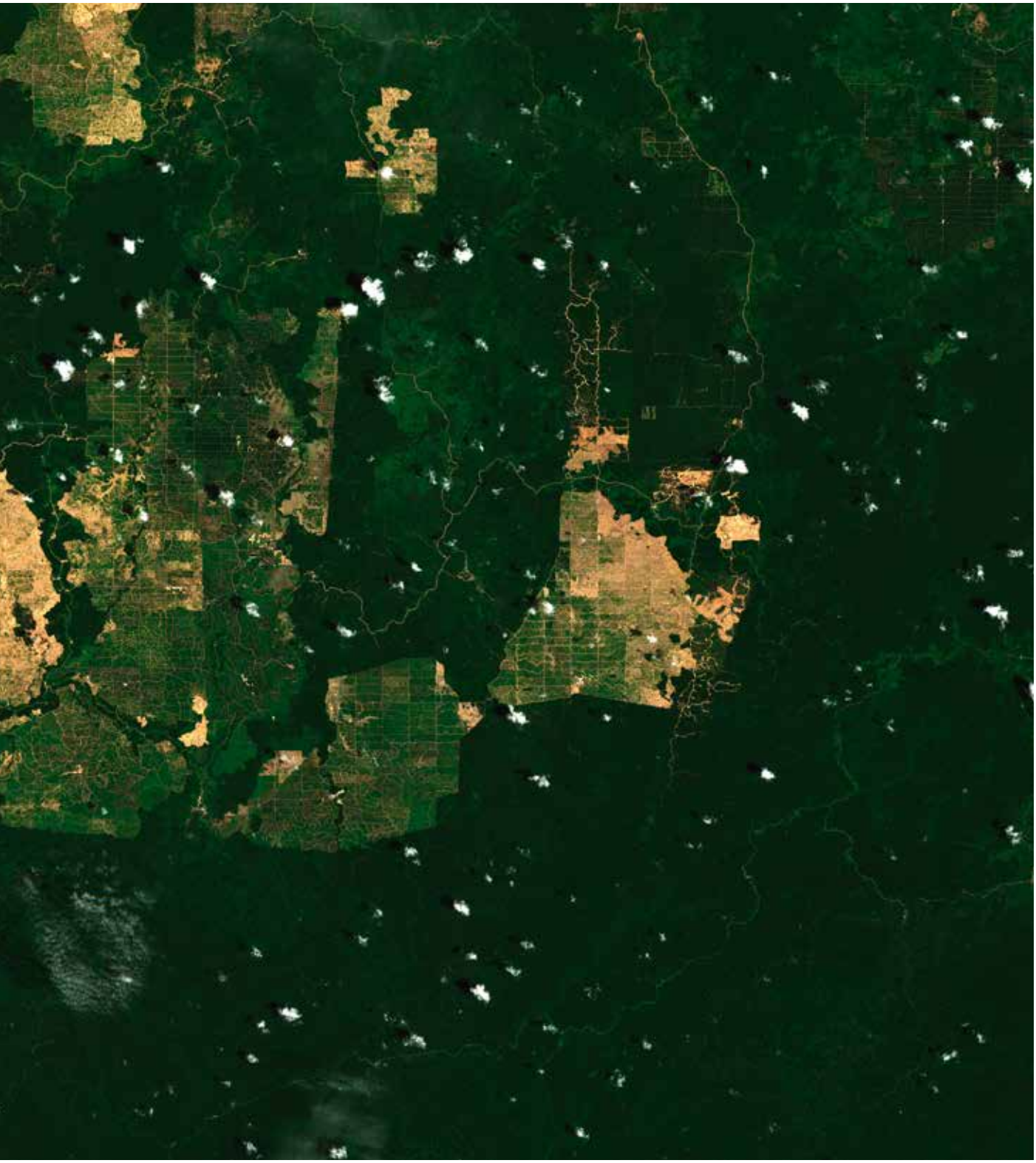
Asseguremos que o nosso tempo seja reconhecido na história como o do despertar de uma nova forma de homenagear a vida, de uma firme vontade de alcançar a sustentabilidade, da aceleração da luta pela justiça e a paz, e da feliz celebração da vida

Carta da Terra, 2000

Há muito tempo, vozes têm se levantado para divulgar uma nova visão da relação da humanidade com a Biosfera. A Carta da Terra não diz outra coisa. Mas constata-se que muitos dos líderes que lutam para construir tal visão, a fazem ou para enfrentar questões de curto prazo ou porque outros líderes, com interesses egoístas, se opõem a eles.

Mesmo reconhecendo que os avanços contínuos da ciência são frutos do exercício legítimo da curiosidade humana, o Comité Francês da UICN não subscreve uma visão de futuro para propor como única solução para a crise da Biosfera uma dependência cada vez maior da tecnologia, que seja "ecologicamente correta ou bio-inspirada", até mesmo porque muitos promotores dessa visão estão mais em busca de lucro do que em "viver melhor juntos". Embora acolha os imensos benefícios da criatividade humana, deplora o facto de ter sido esta criatividade mal orientada que contribuiu para a crise actual e considera que o uso que se faz da ciência sem discernimento ético, "sem consciência", não é aceitável. Além disso, o Comité sabe que a ciência trabalha no limite móvel do conhecido e do desconhecido. Neste contexto, que convida os cientistas à humildade, a conservação da natureza muitas vezes exige tomadas de decisão na incerteza, sem poder esperar novos avanços no conhecimento.

Posto isso, o Comité Francês considera que a UICN, iluminada pela compreensão cada vez mais profunda do mundo através das ciências naturais e humanas, e por elas informada da evolução do estado da Biosfera, rica em conhecimentos há muito adquiridos localmente por pessoas em contato próximo com seus ambientes de vida, deve contribuir para o desenvolvimento de uma nova visão. A UICN não pode ser a única, é claro. Mas herdeira da história dos movimentos de conservação da natureza, tem toda legitimidade para promover mudanças radicais que garantam que todo o mundo vivo, em toda sua diversidade, tenha sempre seu lugar no planeta.



Indonésia | © COPERNICUS SENTINEL 2018, tous droits réservés.

No papel de ator na conservação da natureza, o Comité Francês da UICN quer um mundo onde os humanos se reconheçam como membros de toda a Biosfera, humildemente respeitosos com outros seres vivos, seus companheiros na evolução, de qualquer espécie a que pertençam. Ele quer que os humanos, em toda a sua diversidade, onde quer que vivam, e quaisquer que sejam suas culturas, seus conhecimentos, suas crenças, teçam entre si e com todos os outros seres vivos **relações de solidariedade**, permitindo que cada ser humano viva, onde quiser, para **florescer no convívio** com outros humanos e outros seres vivos. Destaca, assim, a necessidade de uma abordagem que busque o "**melhor-estar**" individual e coletivo não só dos humanos, mas de todo o mundo vivo, a fim de promover uma "**melhor convivência**", pois só existe uma Biosfera.

Enquanto a nossa civilização ocidental foi construída sobre a ideia de que possuímos a natureza, seus recursos, suas capacidades de produção, devemos agora inverter a perspectiva e reconhecer que cada ser humano é "possuído" por um ambiente vivo. Este é um questionamento radical de nossas tradições filosóficas, jurídicas e políticas sobre a apropriação da natureza. É preciso reconhecer que essas tradições não são as da maioria dos povos indígenas, para os quais é central a ideia de que os indivíduos pertencem à Mãe Terra. E essa visão da natureza é inspiradora. A arrogância deve dar lugar à humildade, a dominação à reciprocidade. Por mais estranho que possa parecer aos olhos do Ocidente, um caçador indígena que agradece a presa que teve de cortar, pode ter tanto a ensinar sobre a nossa relação com a natureza quanto um ousado biólogo manipulador de genes.

Solidariedade implica em responsabilidade, uma responsabilidade a ser exercida com lucidez, com discernimento, porque há interações com outras espécies que podem atuar contra o mehlor-estar dos humanos. O Comité Francês da UICN, portanto, apela à **responsabilidade individual e coletiva** perante a dinâmica evolutiva da Terra e para com as espécies selvagens, espécies das quais nunca devemos esquecer que o nosso *Homo sapiens*, tem um parentesco.

……..

Oceania | © COPERNICUS SENTINEL 2016, tous droits réservés.

Nossos principais valores

Existem razões objetivas suficientes para o homem se preocupar em salvar o mundo selvagem. Mas a natureza só será salva, definitivamente, através do nosso coração. Só será preservada se o homem demonstrar um pouco de amor, simplesmente porque é bela e porque precisamos da beleza, seja qual for a forma como somos sensíveis, pela nossa cultura e nossa formação intelectual. Porque isso também é parte integrante da alma humana.

Jean Dorst
Antes da morte da natureza, 1965

O Comité Francês da UICN vê outras espécies como "companheiras evolutivas" da humanidade e em cada um dos indivíduos que as compõem um ator que atua dentro da Biosfera, assim como todo ser humano. Atendendo a esta realidade, atribui um valor de existência a cada ser vivo, pois ao existir, este ser participa de interdependências que vão gerando gradativamente o funcionamento ecológico da Biosfera. Também lhe atribui um valor de memória, pois este ser, fruto de uma série ininterrupta de reproduções e modificações ocorridas ao longo da história da vida, contém no seu material genético um “registo escrito” desta história, da nossa história, expressada em suas características morfológicas e funcionais. Por fim, lhe atribui um valor futuro na medida em que, se este ser reproduzir-se, transmite aos seus descendentes uma informação genética que pode contribuir para a sua capacidade de adaptação a contextos ecológicos em mudança.

Consequentemente, apoiando-se na Carta Mundial da Natureza, na Carta da Terra e na Iniciativa para uma Ética da Biosfera, o Comité Francês da UICN declara basear sua visão no respeito por todos os seres vivos e, de forma mais geral, pelas comunidades ecológicas que eles formam em todo o planeta.

O Comité Francês da UICN afirma que reconhecer e respeitar a existência de outros seres vivos, diferentes de nós, em um estado de ânimo altruísta, é uma etapa essencial para a construção da identidade individual e coletiva do ser humano, portanto para o seu mehlor-estar. Ao mesmo tempo, ele sabe que a existência de cada ser humano requer que as plantas e os animais sejam ingeridos. Isso é natural, porque a Biosfera funciona e é perpetuada por um fluxo incessante entre a vida e a morte. Estabelecer uma linha entre colheitas legítimas e comportamento violento e inaceitável é um problema ético delicado. O Comité Francês da UICN observa que certas sociedades dão exemplos de

África | PLEIADES © CNES 2012, Distribution Airbus DS, tous droits réservés.

práticas que mostram um profundo respeito pelas espécies das quais eles tiram indivíduos por necessidade, e convida a inspirarmo-nos nelas em todas as situações em que a remoção de seres vivos é considerada necessária, inclusive no âmbito da investigação científica.

Para além dos valores da existência, da memória e do futuro que o Comité Francês da UICN atribui a cada ser vivo, atribui também os mesmos valores às comunidades ecológicas que, com composições diferentes, vão formando de um local para o outro o tecido da Biosfera. Isso diz respeito principalmente aos ecossistemas selvagens, aqueles que são menos modificados pelas atividades humanas. Mas também diz respeito, em segundo lugar, às paisagens resultantes de longas co-evoluções com sociedades humanas com múltiplas linguagens, culturas e práticas, resultando localmente em conjuntos originais de ecossistemas e espécies, conjuntos frequentemente altamente diversificados.

……..

© Frédéric Ducarme

Países Árabes | © COPERNICUS SENTINEL 2020, tous droits réservés.

Nosso convite

Veja cada questão em termos do que é etica e esteticamente correto, assim como sua eficiência econômica. Uma ação é justa se tende a preservar a integridade, estabilidade e beleza da comunidade biótica. Caso contrário, é ruim.

Aldo Leopold
The Land Ethic, 1949

Respeitando a diversidade cultural do ser humano, o Comité Francês da UICN não propõe um "código" que estabeleça os limites entre o que deve ser feito e o que não deve ser feito, mas orientações a partir da sua visão e de seus valores. No espírito da Iniciativa por uma Ética da Biosfera, o Comité convida indivíduos e grupos a caminharem juntos em direção ao mundo que lhes parece desejável, indicando objetivos que lhes permitem estruturar as suas ações:

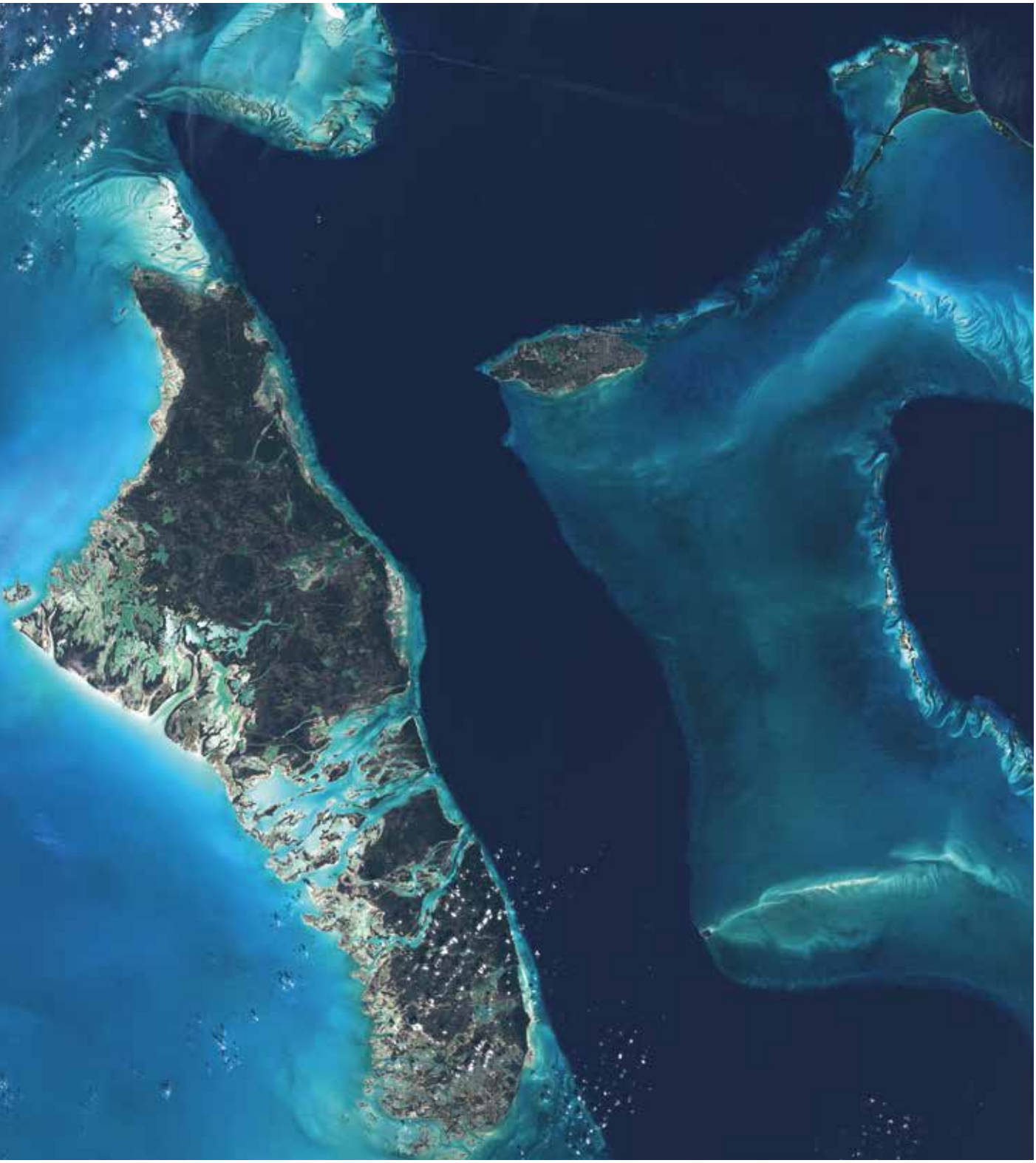
O Comité Francês da UICN,

observando a solidariedade que existe de fato entre todos os organismos vivos, incluindo os humanos, por causa de suas interdependências diretas e indiretas,
apela por ações para ajudarem a manter esta solidariedade;

observando a diversidade de formas de vida com as quais os humanos estão unidos,
apela ao respeito por todas estas formas de vida e à ação para manter a sua diversidade e a diversidade das comunidades existentes em todo o planeta;

lembrando que os humanos e todo o mundo vivo estão ligados por um processo permanente de co-evolução, e observando que as atividades humanas iniciaram esse processo em uma dinâmica causadora da degradação das condições de vida dos humanos e dos demais seres vivos, conjuntamente,
apela a conceber qualquer ação de forma a contribuir para o mehlor-estar dos seres humanos e de outros seres vivos.

……..



Caribe | © COPERNICUS SENTINEL 2020, tous droits réservés.

Referências para ação

Interaja de maneira diferente

Construir uma ação de forma a contribuir para o mehlor-estar do ser humano implica em inserir cada um dos envolvidos nessa ação, na sua concretização, e gerir as suas consequências. É mais do que um espírito de tolerância: uma verdadeira escuta do outro. Nesta condição, a negociação é o mecanismo que deve permitir o surgimento de projetos comuns, respeitando a diversidade ética dos atores. Obviamente, o conhecimento científico - mas também outros conhecimentos - pode ser mobilizado pelas partes interessadas. No entanto, no campo das ciências naturais, geralmente são grandes as incertezas sobre as consequências das decisões. "O conhecedor" deve ajudar ainda mais a encontrar soluções irreversíveis, que expressem a solidariedade do homem para com os outros seres vivos e respeitando o seu valor futuro. Em qualquer caso, a tecnologia deve permanecer uma humilde serva, porque cabe aos coletivos humanos, local e globalmente, escolher os seus objetivos e caminhos para alcançá-los.

Se alguma ação deve ser pensada e realizada com espírito de solidariedade com o mundo vivo e com respeito à sua diversidade na escala dos ecossistemas, espécies e patrimônios genéticos, surge o problema de tornar "a natureza presente na mesa de negociações". O valor de existência que damos aos seres vivos e aos sistemas ecológicos onde interagem implica que reconheçamos o seu direito de existir, portanto de ocupar os espaços que lhes são necessários, direito que nos impomos o dever de considerar em todas as tomadas de decisão. Portanto, é necessário que os humanos exerçam uma responsabilidade comum para com os outros seres vivos e suas organizações ecológicas. Isso tanto a nível local como da Biosfera, o que pressupõe que as decisões locais sejam tomadas com espírito de solidariedade planetária.

O que é objeto de uma responsabilidade comum pode ser considerado um "bem comum". Embora reconhecendo um interesse educacional por este conceito, o Comité Francês da UICN deseja sublinhar a sua conotação antropocêntrica e nos convida a pensar nossas relações com os outros seres vivos de uma forma claramente altruísta: desejando o seu "mehlor-estar", e este deve resultar na manutenção das condições que permitam que todas as espécies participem do funcionamento dos sistemas ecológicos dos quais fazem parte, e sigam o seu próprio caminho evolutivo.

Ásia | © COPERNICUS SENTINEL 2018, tous droits réservés.

Como seres vivos, os humanos interagem com seus ambientes e a espécie humana, como muitas outras, está transformando onde vive. Em princípio, isso não exige nenhum julgamento moral. Mais transformadora do que muitas outras espécies, a nossa por muito tempo trabalhou na domesticação de animais e plantas, resultando assim em uma grande diversidade de raças e variedades, e correlativamente na formação de múltiplas paisagens. Esses são processos reais em co-evolução que contribuíram para a diversificação da Biosfera. No entanto, espécies foram exterminadas e uma proporção crescente do mundo vivo está em perigo. Até mesmo muitas raças e variedades resultantes da domesticação correm o risco de desaparecer, se é que ainda não o fizeram. Ao mesmo tempo, existe a possibilidade - e talvez esteja aumentando - de que certas espécies interajam com os humanos em detrimento do mehlor-estar humano, o que exige bom senso na tomada de decisões.

É por isso que o Comité Francês da UICN propõe como princípio de ação o **objetivo da interferência mínima**: qualquer ação deve ser concebida e executada de forma a interferir o menos possível nos processos biológicos e ecológicos espontâneos.

Desse ponto de vista, o desenvolvimento de organismos geneticamente modificados levanta questões delicadas: pode-se ficar tentado a qualificar como interferências mínimas manipulações moleculares cada vez mais direcionadas, ao passo que a introdução de organismos nos ecossistemas assim produzidos pode gerar sérias interferências na escala de certas populações, ou mesmo de grandes comunidades de espécies. Hoje, os promotores dos novos OGMs, criados pelo forçamento de genes, estão considerando controlar espécies invasoras e recriar espécies extintas. O forçamento genético oferece, de fato, três vias principais de uso que podem afetar a biodiversidade e o funcionamento dos organismos vivos: reduzir as populações de uma espécie ou mesmo eliminá-la; modificar as características de uma população ou espécie, por exemplo, a proporção entre machos e fêmeas; proteger uma população ou uma espécie, por exemplo, reduzindo sua vulnerabilidade a doenças. Para além dos riscos específicos que estas técnicas apresentam - riscos que estão longe de terem sido totalmente avaliados -, questões éticas fundamentais são colocadas, quanto à possibilidade de reconstituir espécies extintas, ou de criar organismos que não existem e nunca existiram.

Por querer que as relações dos seres humanos com outros seres vivos sejam baseadas no respeito à sua existência e à sua integridade genética, o Comité Francês da UICN se opõe ao uso de organismos geneticamente modificados, por impulso genético ou qualquer técnica de manipulação de genomas e o seu funcionamento para aplicações no domínio da proteção da natureza. Para ele, é muito mais urgente atuar diretamente nas causas da erosão da biodiversidade do que investir na criação de organismos cuja inserção nos sistemas ecológicos seja de fato perigosa. Nesta perspectiva, espera que, tanto a nível nacional como de toda a UICN, seja realizada uma reflexão ética aprofundada e independente, a fim de trazer para os debates já em curso o contributo específico

Europa | PLEIADES © CNES 2012, Distribution Airbus DS, tous droits réservés.

dos intervenientes na conservação da natureza, centrada nos problemas colocados por estes desenvolvimentos tecnológicos para o futuro das espécies, do funcionamento e da evolução dos ecossistemas.

……..

África | © COPERNICUS SENTINEL 2019, tous droits réservés.

© Damien Marage

Vivendo de maneira diferente na Terra

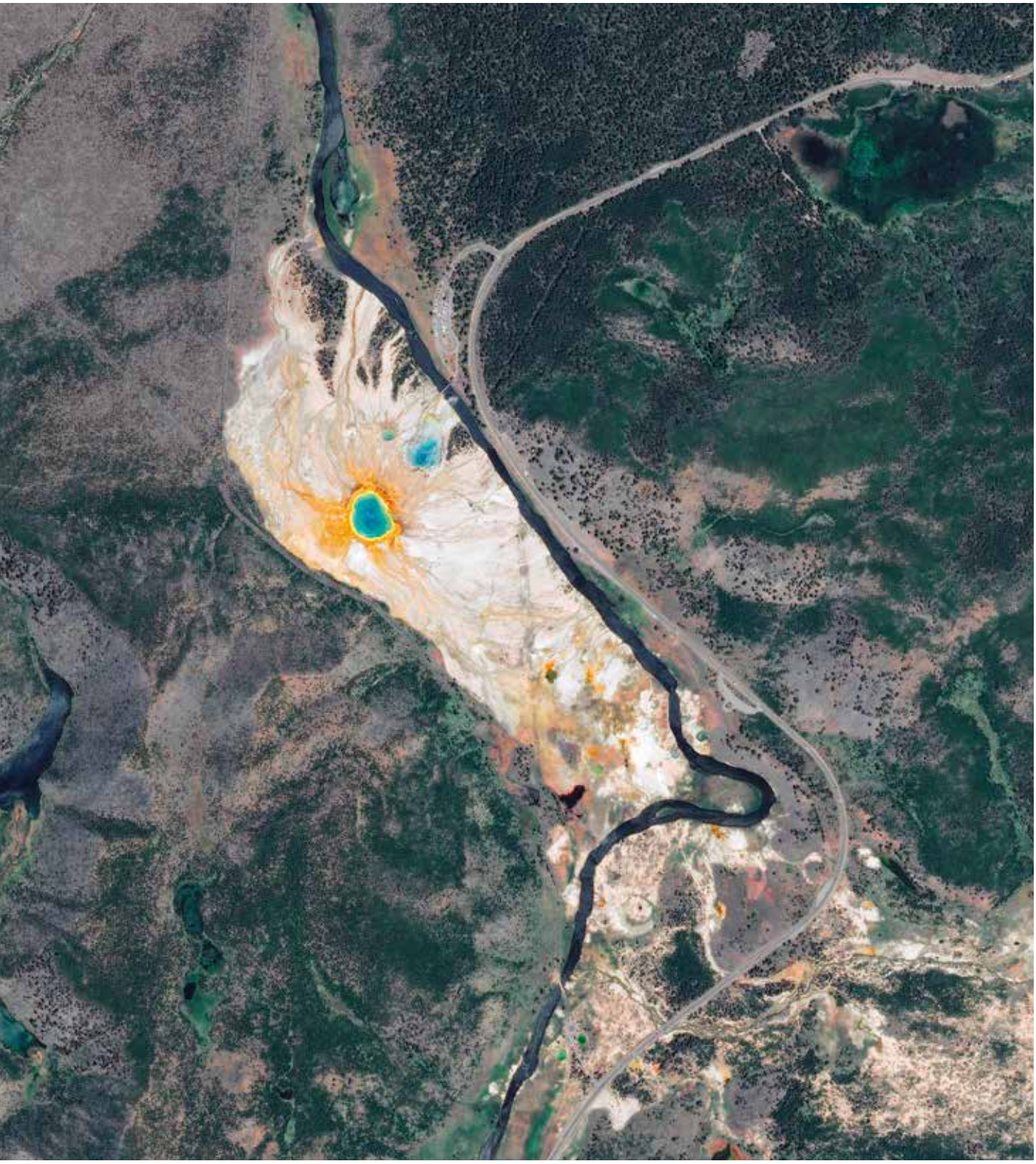
Suponha que uma aranha pense como um ser humano, talvez ela passasse a considerar as populações de insetos de que se alimenta grandes provedores de "serviços". A natureza é formada por uma imensa teia de "serviços mútuos" prestados pelos ambientes e pelas espécies que os ocupam. Portanto, não é surpreendente que os humanos vejam a natureza do ângulo dos “serviços” que ela fornece, e que os círculos de conservação da natureza vejam o conceito de “serviço ecossistêmico” como uma interface útil, para melhor chegar a um entendimento com o mundo político-econômico. O Comité Francês da UICN obviamente aceita essa visão antropocêntrica, mas convida-nos a reverter a perspectiva, pedindo que perguntemo-nos: “Que serviços prestamos à Natureza?"

O Comité Francês da UICN quer que os humanos organizem a sua maneira de habitar a Terra de tal forma que o mundo selvagem seja perpetuado ali, porque é tanto uma herança-memória da evolução, quanto um contribuinte para o funcionamento e a natureza ecológica do planeta Biosfera - da qual depende o mehlor-estar humano -, e para uma matriz para desenvolvimentos futuros. Valorizando a diversidade do mundo selvagem, o ser humano deve otimizar as condições da sua existência e da sua evolução, lhe dedicando os espaços necessários dentro da nossa casa comum, a Terra, espaços cujo lema pode ser “paz para a natureza”. Nesse sentido, decidir não usar de forma alguma certas áreas seria a expressão do respeito humano pela liberdade de outros seres vivos.

Porém, o mundo selvagem não pode ficar confinado exclusivamente a espaços que seriam fechados ao homem, uma vez que sua frequentação pode ser favorável ao seu melhor-estar. Pelo contrário, como parte de uma continuidade ecológica que vai dos espaços mais selvagens ao coração das cidades, o desenvolvimento do habitat humano deve ser projetado de forma que diversos representantes do mundo selvagem sejam implantados em todos os lugares e se perpetuem ali espontaneamente, de acordo com as modalidades negociadas e ajustadas para garantir uma “melhor convivência”.

O Comité Francês da UICN denuncia os modos de uso do espaço que, consumindo constantemente os espaços naturais e reduzindo a biodiversidade, distanciam física e culturalmente a maioria dos humanos da natureza. Por outro lado, ele destaca que, em todo o planeta, as co-evoluções locais entre sociedades humanas e espécies do mundo selvagem produziram novas paisagens e variedades vegetais e animais diversificadas, ao mesmo tempo que houve a diversificação cultural dessas sociedades. Por isso, espera que o ser humano perpetue o seu patrimônio, não só pelo seu valor de memória, mas também como fonte de soluções para imaginar as múltiplas modalidades possíveis de uma “melhor convivência”.

Tradicionalmente, as políticas de conservação da natureza têm enfatizado a necessidade de dedicar-se espaços à proteção de ambientes e espécies, às vezes até excluindo



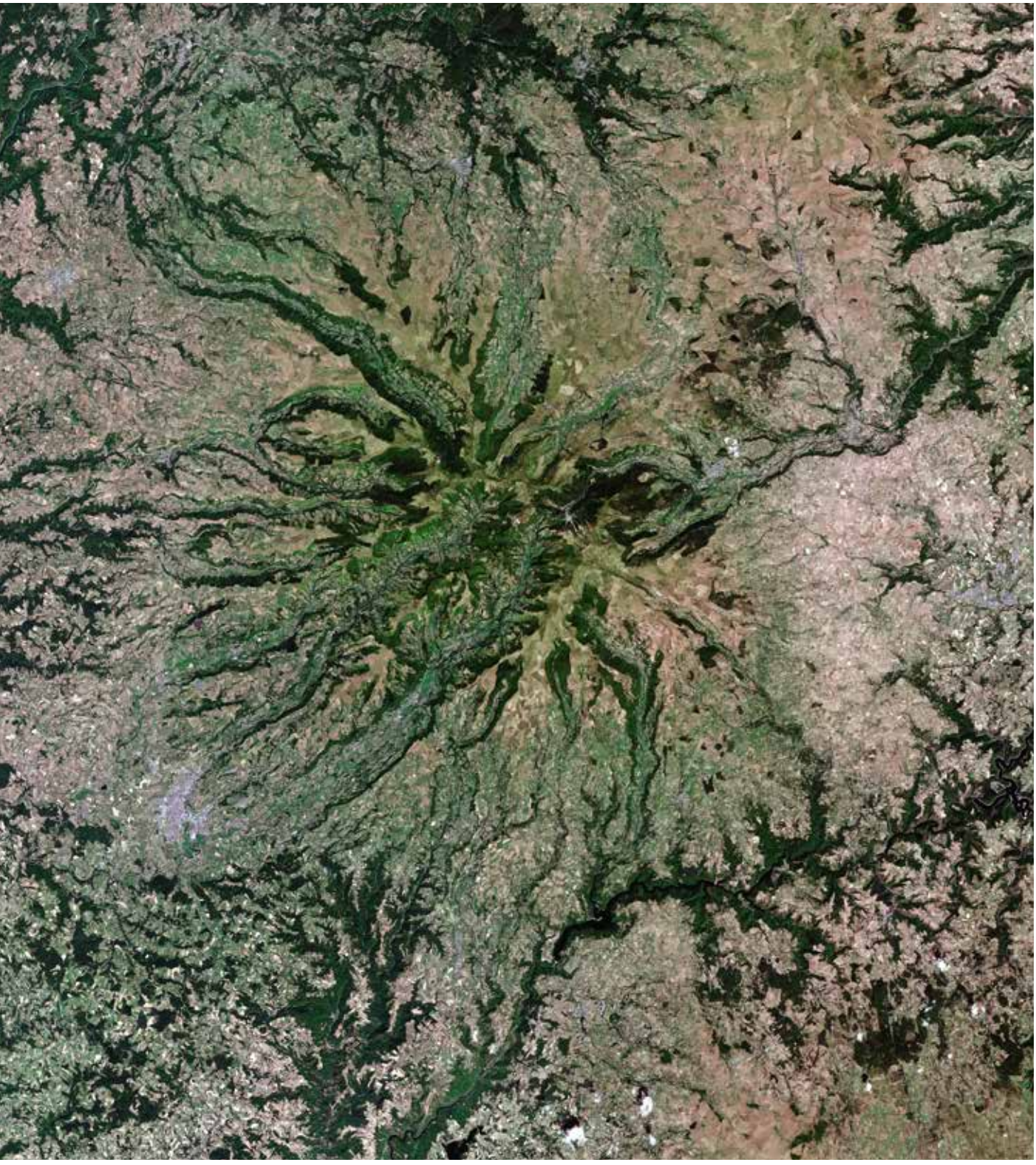
América do Norte | PLEIADES © CNES 2012, DS, tous droits réservés.

populações humanas. A UICN desempenhou e está desempenhando um papel importante na definição de áreas protegidas e a sua classificação fundamentada. O aumento das áreas protegidas ainda é um objetivo declarado nos níveis internacional e nacionais. Esta política, apesar das muitas falhas na sua implementação, tem tido, sem dúvida, verdadeiros sucessos, quer se trate da criação de novas unidades de conservação ou da melhoria da situação de algumas espécies em perigo de extinção. No entanto, agora está claro que isso é insuficiente, pois a erosão global da biodiversidade continua. O Comité Francês da UICN, portanto, apela, mais uma vez, a uma inversão de perspectiva: a conservação da diversidade do mundo vivo deve ser um objetivo integrado nas políticas globais para a gestão e o desenvolvimento de todos os tipos de espaços, desde os mais selvagens, onde se decide nada fazer, aos mais transformados. Para isso, é necessária uma abordagem conceitual renovada, baseada na noção de território.

Por território, o Comité Francês da UICN entende um espaço definido por uma história "natural", isto é, geológica, geomorfológica, biogeográfica, ecológica, florística e faunística, e por uma história humana, da qual a interferência na história natural, ao longo de uma trajetória iniciada no passado distante, ajudou a moldar a paisagem atual. O planeta é, portanto, um mosaico diversificado de territórios. Querer habitar a Terra de maneira diferente, depois de perceber que muitos territórios se envolveram em trajetórias com consequências desastrosas para o homem e outros seres vivos, é portanto querer iniciar novas trajetórias locais.

O Comité Francês da UICN convida ao desenvolvimento de projetos territoriais visando novas formas de organizar a vida dos humanos e outros seres vivos, a fim de concretizar o desejo de vivermos melhor juntos", envolvendo todos os territórios em uma mudança ecológica dominada por atores locais no âmbito de uma governança participativa e democrática. Mas existe apenas uma Biosfera. Nenhum território é isolado: faz parte da rede ecológica global, é um nó de fluxos que partem dele próprio, convergem para lá, cruzam-no. Os humanos e outros seres vivos podem estar enraizados nele por muito tempo, como resultado de antigas migrações, enquanto outros chegam ou partem. Os espaços de convivência se cruzam. Os projetos locais, portanto, só podem fazer sentido, do ponto de vista social e político, se levarem em conta essa realidade e se forem concebidos com um espírito de solidariedade global, por meio de alianças locais, regionais e internacionais.

Respeitar os outros seres vivos exige que o ser humano organize uma partilha equitativa do espaço, da escala local à planetária, fazendo com que cada espécie possa ter recursos espaciais e tróficos que garantam a sua perpetuação a longo prazo. Sabemos que uma divisão justa da riqueza permitiria que mais humanos vivessem decentemente. Mas, ao mesmo tempo, a humanidade deve reduzir globalmente sua pegada ecológica e a artificialização da Terra. Retomando a ideia de que a proteção da natureza é de vital importância para todos os povos e para a paz, e lembrando que a UICN, desde a sua fundação, se dedicou à educação com esse objetivo, o Comité Francês da UICN apela



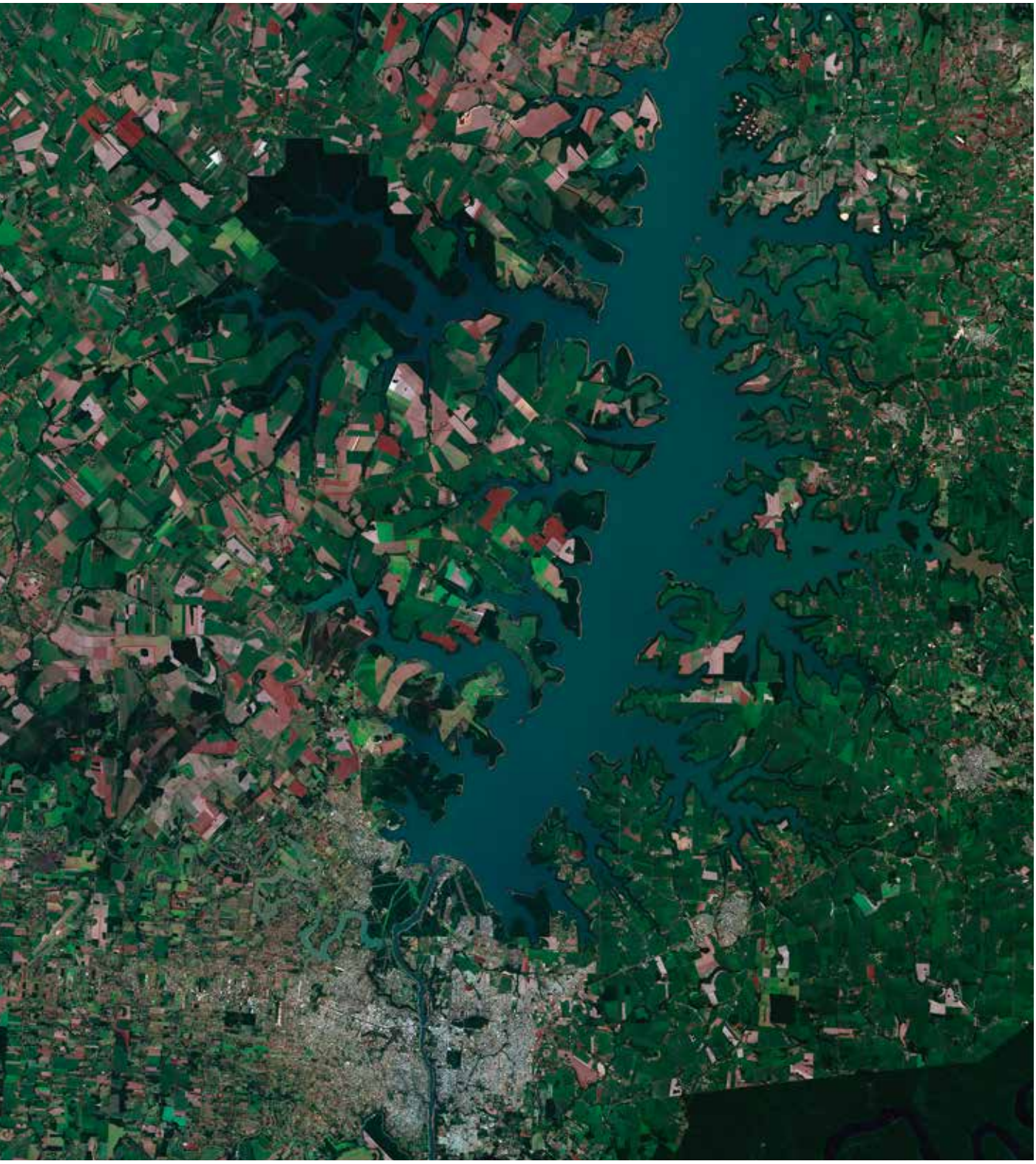
Europa | © COPERNICUS SENTINEL 2018, tous droits réservés.

à promoção da ideia que a justiça social e econômica e a conservação da natureza são dois objetivos inseparáveis.

Garantir uma partilha equitativa do espaço entre humanos e outros seres vivos no quadro de uma concepção integrada e sistêmica da gestão e ordenamento de um território implica repensar os nossos direitos de propriedade e de uso, pois as espécies não conhecem os limites cadastrais, e muitas delas têm seus próprios sistemas de demarcação dos seus espaços de vida. Respeito implica diplomacia: devemos buscar maneiras de usar o espaço de forma a permitir com que os humanos e outros seres vivos coabitem-no sem constrangimento, o que significa saber detectar e compreender os motivos pelos quais os outros seres criam outros mapas. O problema não surge obviamente da mesma forma: ou estamos a falar de um grande predador ou de um dente-de-leão, ou são espécies que precisam de grandes espaços com pouca interferência humana ou que podem viver mais perto de nossas casas. Para o Comité Francês da UICN, não se trata de fragmentar os territórios em zonas de exclusão, o selvagem ali, o doméstico aqui. Em vez disso, trata-se de organizar a coabitação de humanos e não humanos “para benefício mútuo”. Essa é a condição para uma melhor convivência.

……..

© Patrick Blandin



América do Sul | © COPERNICUS SENTINEL 2020, tous droits réservés.

Nosso compromisso

Originalmente, a UICN era chamada de União Internacional para a Proteção da Natureza. A natureza estava sob ataque do homem, precisava ser protegida. Posteriormente, o termo “Proteção” foi substituído por “Conservação”. Era importante não perder os recursos naturais que eram consumidos em excesso, ou mesmo destruídos. A turbulenta história do uso dessas palavras é a de uma competição entre terminologias que reflete uma competição entre diferentes visões da relação dos humanos com a natureza, entre diferentes sistemas de valores. Hoje, nesta convulsão planetária que prontamente chamamos de “crise da biodiversidade”, a necessidade urgente é, sem dúvida, de proteção, para que a diversidade do mundo vivo seja preservada. Mas com que propósito?

Os valores defendidos pelo Comité Francês da UICN e a visão que propõem fornecem um horizonte: melhor convivência, convivência entre pessoas, humanos e todos os outros seres, de cada um dos lugares para toda a Biosfera.

Convivência? O termo pode parecer trivial. Na verdade, é extremamente exigente. Como imaginá-lo, como trabalhar para a sua concretização, sem debatê-lo e sem contar com a presença dos outros seres vivos à mesa das negociações? Cada membro do Comité Francês da UICN, cada uma de suas comissões, seus especialistas, seus grupos de trabalho já estão trabalhando e trabalharão ainda mais para este objetivo.

Imagine vivermos melhor juntos, tornar isso desejável. Faça com que os seus valores inspirem nossas escolhas, orientem nossas decisões e informem nossas ações, em todas as áreas em que atuamos. Compartilhe-os com vários parceiros, associações, empresas, autoridades locais, serviços do Estado ... e com os cidadãos, jovens e velhos, atuais e futuros. Essa é a missão da UICN. O Comité Francês da UICN está comprometido com isso.

……..

Somos humildemente conscientes de que nós, os humanos, formamos junto com os outros seres vivos rios distintos com águas imiscíveis, mas que deveriam regar a nossa terra comum com mais sabedoria.

Damien Marage

América do Sul | © COPERNICUS SENTINEL 2019, tous droits réservés.

Posfácio

Parabenizo o Comité Francês da UICN por este relatório oportuno e importante. Quando eu era a Diretora Executiva da UICN (2007-2015), muitas vezes lembrei meus colegas de que o planeta estaria bem sem nós. Mas nesta era do Antropoceno, estamos aqui, presentes, muitos, com a imensa responsabilidade de nos comportarmos com inteligência para que os recursos naturais sejam utilizados de forma equitativa e ecologicamente sustentável.

Este documento nos lembra do importante trabalho da UICN desde sua criação: a Carta Mundial da Natureza, a Carta da Terra e, com o Comité Francês, a Iniciativa por uma Ética da Biosfera. Incentiva-nos a empreender não só a reflexão ética, mas também a adoção de valores que nos guiem para uma ação informada pela ciência, pela solidariedade e pelo respeito à diversidade cultural. Temos o dever de valorizar a Natureza para que ela continue a ser o único suporte de vida para nós e para as gerações vindouras.

Espero que este documento possa ser traduzido minimamente para as outras duas línguas oficiais da UICN: inglês e espanhol, pois suas mensagens são importantes e devem ser conhecidas por todos os membros da nossa organização mundial.

Julia Marton-Lefèvre
Paris, março de 2021

© Istock

Designgráfico e paginação: Caroline Rampon - www.laptitefabrikdecom.fr - caroline.rampon@laptitefabrikdecom.fr

Comité français de l'UICN
259-261 rue de Paris
93100 Montreuil
Tel. : 01 47 07 78 58
Email : uicn@uicn.fr
www.uicn.fr

O Comitê Francês da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) é uma rede de organizações e especialistas da UICN na França. A parceria original reúne 2 ministérios, 13 órgãos públicos e 47 organizações não governamentais, além de uma rede de mais de 250 especialistas. Por meio dessa composição mista, o Comitê Francês da UICN constitui-se numa plataforma única de diálogo, experiência e ação em questões de biodiversidade, também reunindo comunidades e empresas locais. O objetivo do Comitê Francês da UICN é contribuir para a conservação da biodiversidade e para o uso sustentável e equitativo dos recursos naturais, de acordo com a missão da UICN definida em nível global. Seus programas são voltados para políticas de biodiversidade, espécies, áreas protegidas, ecossistemas, educação ambiental, cooperação nacional e internacional.